

# Santos Júnior e os Intelectuais Galegos



EPISTOLÁRIO



FUNDAÇÃO MEENDINHO

© Isaac Alonso Estraviz, 2011

© Fundação Meendinho, 2011 (desta edição)

Uma publicação da Fundação Meendinho

Declarada de interesse galego, Ordem de 18/08/1999 (num. 1999/16)

Vilarchão 98. 36820 Ponte-Caldelas, Galiza

Diretor editorial: Alexandre Banhos

Web: <http://agal-gz.org/blogues/index.php/meendinho/>

Web: <http://www.meendinho.org>

Correio-e: [meendinho@galiza-gz.info](mailto:meendinho@galiza-gz.info)

Diagramação: visualq.

ISBN 978-84-615-1687-2

Obra publicada com apoio da

Deputación provincial de Ourense





## PRÓLOGO

Um dia de 2009 Alexandre Banhos e Margarida Martins vinham de Andaluza e passaram por Torre de Moncorvo. Vieram encantados falando maravilhas dessa terra. Eu disse-lhes que a primeira reunião do Conselho da Agal podia ter lugar nessa localidade. Alexandre Banhos contatara com o Presidente da Câmara de Moncorvo, Fernando António Aires Ferreira, que nos esperavam o 30 de maio de 2009 no Restaurante Jardim.

Lá estivemos Alexandre Banhos, Margarida Martins, Ana Cabanas, Manuela Ribeira, José Paz e Isaac Estraviz. Depois do jantar visitamos a Biblioteca Municipal, uma muito boa biblioteca onde lá estavam crianças e maiores consultando material bibliográfico. Depois levaram-nos a ver o espólio do Dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior. Ficamos assombrados do material que encerrava. Mas o que mais nos chamou a atenção foi a quantidade de livros galegos, muitos primeiras edições. E ainda mais a quantidade de cartas de galegos dirigidas ao Dr. Joaquim Rodrigues Santos Júnior. Prometi voltar em breve. Numa sala contígua à de Santos Júnior, estava o espólio do Embaixador no Japão Armando Martins. Naquela altura trabalhava na Biblioteca muito pessoal. Além da Diretora, Helena Maria Pontes, e arquivista Maria João Moira, Patrícia do Amparo Pinto, Cláudia Isabel Fernandes, Helena Catarina Castro e Maria Adelaide Pontes, pessoas todas elas às que agradeço muito sinceramente o tratamento singular, amável e eficiente que tiveram todas comigo.

Voltei depois sozinho a Torre de Moncorvo em junho. Lá estive vários dias recolhendo material. Fiz novamente outra viagem em julho, desta vez com Manuela Ribeira Cascudo e estivemos dous dias. Em agosto voltamos minha companheira e eu. Recolhemos mais material e assistimos à homenagem em honra de Armando Martins e à apresentação do livro *Outros Contos da Montanha* da Dr<sup>a</sup> Isabel Maria Fidalgo Mateus, na Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo, em 29 de agosto de 2009. Depois visitamos Trancoso, A Guarda e as pinturas rupestres de Foz Côa.

Em 26 de setembro de 2009 voltamos os mencionados anteriormente e Elvira Cuevillas para a homenagem à figura de Santos Júnior na biblioteca do espólio.

Em fevereiro de 2010 tinha transcrito todo o material que recolhera. Depois, vendo o vazio que ficava, pois das cartas que Santos Júnior escreveu aos galegos só havia umas quantas que ficaram em cópia de papel químico, fui à biblioteca da Deputação de Ourense onde me forneceram as poucas que havia a José Ramón Fernández Oxea; à biblioteca do Museu do Povo Galego que me forneceram as pertencentes a Joaquim Lourenço e António Fraguas; à biblioteca da Real Academia Galega que se limitaram a aquelas que tinham a ver com o seu nomeamento como Académico de Honra; falei com o filho de Jesus Taboada, Jesus Taboada Cid, que muito amavelmente me ofereceu tudo o que tinha da correspondência e mesmo fotos com Santos Júnior; no Museu de Ponte Vedra tive muita sorte porque lá estavam as cartas de Santos Júnior e cópias das que Filgueira Valverde lhe escrevia; de Cuevillas nenhuma porque, segundo me contou a filha, Elvira Cuevillas, o pai rompia todas as cartas uma vez respondidas. No meu afã de completar o máximo possível a correspondência tentei-o também com os filhos de Fermim Bouça Brei e de Luís Bouça Brei, que num primeiro momento me deram muito boas esperanças mas afinal desistiram porque teriam que mexer muito material. O mesmo me aconteceu com a viúva de Modesto Figueiredo. Pena, porque através destas cartas conhece-se muito bem a intra-história e muitos problemas que de outro jeito nunca viriam a lume.

A todos o meu muito obrigado.



Santos Júnior foi um investigador científico humanista. Nunca militou em política nem esteve associado a nenhum partido, relacionando-se assim com todo tipo de pessoas independentemente da ideologia que tivessem. Era um científico investigador ao que só lhe interessava o conhecimento o mais exato possível dos distintos ramos do saber que cultivou. Isto pode-se observar inclusive quando ao tirar uma fotografia colocava lá uma moeda, o relógio, ou a bengala para que os que olhassem a foto tivessem uma ideia mais ajeitada da medida.

Como diretor dos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia*, convidava, e quase obrigava, os galegos, alguns ainda estudantes, a que apresentassem colaborações e louvava abertamente todos os que achava interessantes.

As primeiras cartas que conhecemos são da década dos anos trinta. A primeira de Florentino López Alonso-Cuevillas é do 2 de janeiro de 1931. Ignoro como foi o seu conhecimento, mas pelas suas cartas sabe-se que se relacionava com Rui Serpa Pinto: “Nos curtos dias que convivin co noso Rui Pinto no Porto e Guimarães e na nosa longa e frecuente correspondencia aprendera a estimar as suas coalidades escepcionaes de talento, erudición e carácter”(carta 7). Joaquim Lourenço contactou com Santos Júnior através de Cuevillas e a primeira carta que conhecemos é do 12-VI-1933. De António Fráguas (24-VIII-34), Filgueira Valverde (7-IX-1934), Vicente Risco (17-XI-1935), Bouça Brei (5-XII-1935). As outras são da década dos cinquenta para a frente.

Trata-se de um epistolário apaixonante, o mais extenso e completo dos que se têm publicado entre galegos e portugueses. Interessantíssimo para o conhecimento da intra-história da Galiza. Através da espontaneidade destas cartas é muito o conhecimento que nos proporciona. Por exemplo, falando de Cuevillas, vê-se a sua grande espiritualidade, os graves problemas que teve de saúde, os entraves que lhe pusseram para que não pudesse ir ao Porto fazer umas conferências e aproveitar o tempo para visitar os museus do norte de Portugal. Depois da guerra foi um prisioneiro na sua casa de uma maneira muito hipócrita ao lhe negarem passaporte e troca de pesetas em escudos. É de admirar o grande humanismo de todos eles e o grande amor que tiveram pola nossa língua e cultura.

Santos Júnior esteve na homenagem em Lobeira a Joaquim Lourenço e nos atos da Deputação ao nomearem filho predileto. Esteve muitas vezes em Santiago, inclusive quando tomou posse da arquidiocese de Santiago o Cardeal Siquia. Foi do Seminário de Estudos Galegos, da RAG. e foi quem falou com Ibáñez Martin para resuscitar o Seminário de Estudos Galegos, que foi ao pouco levado a cabo com o nome de Instituto de Estudios Gallegos Pe Sarmiento. Foi o português que mais amou Galiza de palavra, por escrito e na realidade.

Na transcrição das cartas respeitou-se o original com todo tipo de gralhas ou erros. Nos poucos casos em que foram corrigidos, adverte-se em nota a rodapé.



Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior.



# INTRODUÇÃO

## 1.- BIOGRAFIA DE SANTOS JÚNIOR

Sucinta biografia de Santos Júnior  
(Vila Frescainha-Barcelos 22-V-1901; Quinta da Caverneira, 12-III-1990)  
Por Ana Maria Santos Hübner

Que emigre quem está sem perspectivas na vida, em Portugal, nos meados do séc. XIX onde é grave o estado da fazenda pública, onde o desequilíbrio entre a receita e a despesa fora continuamente agravado durante muitos anos sucessivos, onde o recurso forçado ao crédito, quase sempre em desvantajosas condições criaram um estado angustioso do país, entende-se. Mas quem por vício ou paixão é jogador de pau, por divertimento com outrem, se sinta forçado a sair da sua Terra onde os laranjais florescem, entenda-se como uma necessidade imperiosa motivada por uma cacetada notável no adversário, voluntária ou accidental no manejar de jogo do pau. Joaquim Rodrigues dos Santos um admirável jogador de pau, jovem de vinte anos, nascido em 1860 em Barcelos, Fragoso, muito estimado, provido de uma boa inteligência, destro e hábil, embarca para o Brasil comprometido com a “justiça real e com a do adversário”.

No Pará, dedica-se ao comércio, abre com sucesso uma casa comercial e, durante cerca de vinte anos, evidencia a sua habilidade para o negócio, formando uma vasta rede de negócios, melhorando dia a dia a sua situação financeira. Por volta de 1893, Joaquim Rodrigues, grave e de fulgor nos olhos, é novamente confrontado com a necessidade de emigrar para Portugal. Homem, já notável no mundo dos negócios, e endinheirado, num reprovado da justiça brasileira, e num ato de génio e emoção, arremessa o Senhor Juiz do tribunal real pela janela fora. A vida palpitante no Pará acaba para Joaquim Rodrigues, que embarca, já fora do cais, num vapor rumo a Portugal. O destino fechava um circuito de vida, cujo percurso o conduzia ao ponto de partida.

Na viagem, de longos e acidentados meses a navegar o imenso atlântico, Joaquim Rodrigues com as facilidades da sua posição social, trava conheci-



Santos Júnior com 3 anos

Largo da Feira em Barcelos. Nesta vila, onde a luz que cai sobre o rio Cávado muda com tal intensidade, capaz de produzir sombras de um recorte nítido, vive a família alguns anos.

Em 1901 nasce Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior e dois anos mais tarde, o seu irmão José Rodrigues dos Santos. Como a vida não é uma linha reta, a prudência, a vontade e a necessidade de rendimentos para a família, Joaquim Rodrigues compra a quinta da Caverneira em Águas Santas. Na verdade, enriquecido no Brasil, não hesita em continuar com os seus hábitos de trabalho, não se sentia explorador que busca febrilmente as riquezas fáceis, e em seguida as joga pela janela fora, mas com a certeza definitiva da existência de baixos profundos e altos ocultos, ao longo da misteriosa e curiosa vida, reinveste o dinheiro ganho no Brasil na Quinta da Caverneira.

A família Santos leva em Águas Santas uma vida rural equilibrada e rica para a época, mas não luxuosa. Joaquim e José têm uma infância em contato com a natureza, sem dificuldades financeiras, e são educados numa escola

mento com um passageiro do vapor, José Joaquim Campos, nascido em 1850 em Mogadouro, proprietário da fazenda Camilunga no Dondo em Angola. Com efeito, este conhecimento, torna-se numa amizade entre José e Joaquim, que culmina aparentemente, num excesso de sentimento, ou quase numa sentimentalidade, ao premeditarem que se um dia tivessem filhos, que estes se casariam.

Joaquim Rodrigues rumo para Barcelos, sua terra natal. Com alguns rendimentos no Brasil não pretende viver numa casinha simples nem ficar sozinho. Os sinos tocam em 1900 para Joaquim Rodrigues e Luísa Cardoso, filha dos proprietários da Pensão Cardoso no

primária particular em S. Gemil. Ambos bons amigos, e muito bons alunos, desde início têm grande motivação para aprenderem coisas novas, sendo José mais amante das artes, da música, da poesia, alimento indispensável para o seu espírito alegre que uns anos mais tarde lhe virá a ser fatal. A formação superior dos dois jovens, o adquirir de saberes, torna-se desde cedo, uma prioridade constante na família Santos.

No início do século XX a Europa estava no auge do seu poder. Os impérios coloniais repartiam entre si a terra. O início de século trouxera bem-estar e progresso cultural, a descoberta da ciência prolongou a vida, e a técnica tornava-se mais cómoda. Mas estes progressos teimaram a não chegar a Portugal, onde a maior parte da população vivia nos campos, quase nos limiares da pobreza. Nas cidades a situação era um pouco melhor, a crescente burguesia gerava uma vida urbana, se bem que insípida, mas com o grande desejo de fomentar a formação e o progresso. A República, tal como noutros países, foi o resultado da desintegração da monarquia. A sua existência foi posta em causa pelo conflito entre partidos burgueses e operários, e a crise social é agudizada pela crise económica mundial. A família Santos é adepta da República, e os grandes momentos dramáticos e revolucionários, as transformações sociais



Caverneira, 1963.

de 1910 são vividas com alegria e seguidas com grande entusiasmo pelo Pai e filhos. Os anos seguintes do novo regime, com política inconstante e cheia de incertezas, com animados debates políticos, com uma crise social, a entrada de Portugal na Guerra mundial (1914-1918), são momentos que vão marcar a vida de Santos Júnior, que até ao ano 1918 frequenta o liceu Alexandre Herculano, no Porto.



Santos Júnior e  
Judite Campos, 1920.  
Quinta da Caverneira

Em 1919 matricula-se no instituto superior de Agronomia em Lisboa, mas uma doença pulmonar obriga-o a permanecer na Quinta da Caverneira, onde os carinhos incansáveis da sua mãe Luisa, de carácter alegre e de mão firme, e Joaquim Rodrigues, seu pai, sempre atento à evolução da saúde do filho, o restabelecem completamente da doença.

No ano 1920 entra na faculdade de Ciências no Porto e casa-se com Judite Campos, filha do amigo do pai na viagem de barco de regresso a Portugal, e nessa altura já falecido. Judite nasceu em 1895 em Moncorvo, na quinta Judith. Filha única, foi educada em casa, por professores particulares, menina muito habilidosa, dourava, fazia entalhes, pintava e tocava piano.

Judite e Santos Júnior, ficam a viver na Quinta da Caverneira, e durante o tempo das férias e sempre que é necessário, nas alturas das colheitas agrícolas, passam a ir à Quinta Judith onde vive a mãe de Judite, Joana Campos nascida em 1874 em Sinfães. A vida das duas famílias é comum, intensa e unida. Tinham acertado que mais tarde, depois de Santos Júnior se formar, viriam viver para Moncorvo com Joana, e na Caverneira ficaria Luisa com o filho mais novo José Rodrigues. Um plano, que mais tarde é danificado por um ato entretido por uma aranha cruel e pérfida, um ato criminoso com o qual a família durante anos, longos anos, tem de viver.

Em 1921 morre, de doença súbita, Joaquim Rodrigues. É certamente com muito pesar, que Joaquim Rodrigues não chega a festejar a formatura do seu filho mais velho em 1922/23, onde tanto investiu, e por seu lado, Santos Júnior perde o pai de excepcional coragem, implacável integridade.

Se a vida não tivesse duas faces, tristeza e alegria, como uma moeda, seria uma vida na qual o brilho dos vitrais de uma catedral passariam com certeza despercebidos. Em 1922 nasce Joaquim Norberto, o seu primeiro filho. A alegria da jovem família é quase perfeita, Santos Júnior leciona no liceu e fica assistente da cadeira de Antropologia na Universidade do Porto. E mais uma vez, a dor avassaladora, que tudo silencia visita a família. José Rodrigues é assassinado em 1923 por um tresloucado cheio de ódio, a uma canção feita a uma rapariga. É a morte que concede momentos de silêncio imperioso do inacreditável, de rituais sagrados de oração. Estes sentimentos são ainda mais fortes quando a cruel realidade é um crime. Santos Júnior, com o seu próprio esforço, procura o assassino do seu irmão, conhecido, que a justiça teima em não encontrar. Porém um ano mais tarde é julgado, sendo pronunciado uma sentença fraca, uma farsa de julgamento. A associação dos estudantes do Porto, indignada com a sentença junta-se no largo do tribunal, a pedir justiça correta para um crime cruel e hediondo. Os anos seguintes são marcados por uma dor incalculável, dor silenciosa intransigente que ensombreia a vida da família.

Maria José nasce em 1924, em 1926 Maria Judite e em 1929 António Fernando. É durante este período de tempo, que Santos Júnior frequenta a faculdade de medicina, e termina em 1932 com bom resultado. A morte de José marca sem dúvida, uma reviravolta nos planos da jovem família. Perante a dor avassaladora em que se encontra a família e a mãe Luisa, Santos Junior e Judite decidem não ir viver para a Quinta Judith, fazer companhia à mãe Joaninha, viúva e privada da única filha, mas sim ficarem na Quinta da Caverneira com a mãe Luisa.

A vida agrícola nas quintas é gerida pelas senhoras da casa, deixando a Santos Júnior todo o tempo livre para a sua formação e estudos científicos. É a sua mulher, Judite, a mãe Joana e a mãe Luisa que gerem as quintas, onde as crianças crescem e se divertem à vontade no meio da natureza. Para que a solidão não chegue à mãe Joaninha, Santos Júnior e Judite enviam os filhos, Norberto, Maria José a Jita e o Fernando, uma vez cada um, e em companhia da criada, mesmo ainda muito pequenos, para Moncorvo, onde ficam com a avó Joaninha grandes temporadas. O percurso entre as quintas, era feito de comboio, e a cavalo. Fosse inverno ou pino de Verão, as colheitas agrícolas exigiam a presença da família, e uma grande aventura, de horas sem fim, quase um dia completo, divertida façanha ou arrasadora jornada, por entre montes, descampados e vilarejos por entre o sol impiedoso, a chuva fria ou a neve gélida, culminava com um efusivo “cá chegamos, com a graça de Deus!”

Em 1934 Santos Júnior e Judite sofrem outro grande e doloroso desgosto. Maria José, sua filha mais velha, morre de febre tifoide. O jugo inclemente da dor, do vazio que a morte deixa a trás de si, é levado pela família de uma forma corajosa e não se deixam desiludir, descobrindo sempre os laços fortes que os une, que lhe dá força de viver. A esperança no futuro, na alegria dos filhos jovens, na vida harmoniosa e viva torna-se um bálsamo para toda a família.

A sua vida como professor, professor-assistente e mais tarde professor-catedrático, a sua total dedicação ao cargo que com grande rigor desempenhava, foi sempre atestado com “muito bons serviços”. Desde muito cedo que Santos Júnior se sente arrastado para a ciência, fecha-se horas sem fim, no seu escritório na Caverneira, onde lê não só livros científicos, como também literatura. A sua vasta e variada produção científica é fruto de trabalho árduo, uma enormíssima força de vontade, e a certeza de chegar a um fim. Muitas das circunstâncias em que investigou, foram precárias, sem grandes apoios institucionais, mas onde há uma vontade há um caminho e Santos Júnior nunca se deixou intimidar pelas faltas de condições de trabalho. Na sua mesinha de cabeceira, havia dois livros sagrados: *Os Lusíadas* e *Cantares Galegos* de Rosalia de Castro. Apesar do impato das novas políticas nascidas no pós-guerra, da enorme crise social e económica, Santos Júnior nunca se sentiu arrastado para a política, se bem que republicano, dedicou-se de alma e coração às ciências-naturais, à enorme paixão do saber, da investigação. Na Universidade e no tempo de estudante o que lhe interessava era o curso, confraterniza com os colegas, mas a sua paixão é Antropologia, Etnologia, Etnografia, Ornitologia. Só a sua vontade de ferro, o seu dinamismo e a dedicação absoluta da sua esposa e família o ajudaram a superar entraves de vária ordem, dentro da sua carreira científica.

O seu enorme interesse pela cultura, a sua competência profissional e a sua amizade pelas ciências levam-no no ano 1935 à Galiza, e a organizar a Semana Galega no Porto. A partir desta data forma-se uma amizade única, um intercâmbio cultural entre os intelectuais Galegos e Santos Júnior que vai durar até à sua morte.

Neste ambiente familiar favorável ao seu desenvolvimento e formação intelectual não é de admirar que em 1936 e 1937 aceite ir a Moçambique chefiar a “Missão Antropológica”. Depois do Governo decidir a “ocupação científica das colónias” cabe ao Prof. Dr. Mendes Corrêa organizá-la e chefiá-la. Mas este recusa-se diplomaticamente, alegando motivos imprevistos. Santos Júnior não obstante ter uma família com filhos menores, sabendo do risco e perigos que tal viagem consigo acarretava, aceita ir a Moçambique investigar



Santos Júnior e Judite. Moçambique, 1938.

as terras africanas. As condições que aceitou eram lastimáveis e indignas para um investigador, não tinha um seguro de vida, nem as entidades oficiais se sentiram na obrigação de o fazerem.

A sua ausência são meses dramáticos para Judite, que ainda mal recomposta da dolorosa perda da filha Maria José, seguida da morte da sua mãe Joaninha, demonstra uma forte personalidade, responsabilidade e harmonia dentro da família. Judite foi a trave mestra da família Santos Júnior. Muito ou até muitíssimo se deve à sua personalidade suave de carácter harmonioso, uma mulher forte e doce. Sempre com um sorriso nos lábios, uma pa-

lavra de conforto pronta, viveu dias muito difíceis, dias angustiosos, mas que os superou admiravelmente.

Nos meados de novembro de 1937 aparecem na Quinta Caverneira o Dr. Mendes Corrêa e o Dr. Ataíde com a notícia que o marido tinha tido um acidente em Moçambique a 7 de novembro, deixam a família numa incógnita se Santos Júnior está vivo ou morto. Só as diligências do amigo e compadre Saturnino em Lisboa, conseguem uma semana depois, confirmar que Santos Júnior se encontrava no hospital de Lourenço Marques, vivo. As preocupações, as lembranças da morte e do sofrimento não pouparam Judite, nem mãe Luisa ainda viva, nem os filhos, que já com consciência de adolescentes, entenderam lindamente a situação perigosa em que o pai se encontrava. Quando regressou a Portugal em 28 de janeiro de 1938, vinha aleijado do pé esquerdo, e permaneceu coxo e sempre com dores, sendo obrigado a andar de bengala, para a sua vida futura.

No longo período de recuperação de saúde, trabalha intensamente em parte do espólio recolhido em Moçambique, continua a dar aulas na faculdade de Antropologia, publica estudos em várias áreas e doutora-se em 1944 com a tese sobre “Contribuição para o Estudo da Antropologia de Moçambique”. Nesta altura começa a ir para as termas de Caldas de Reis, na Galiza, devido

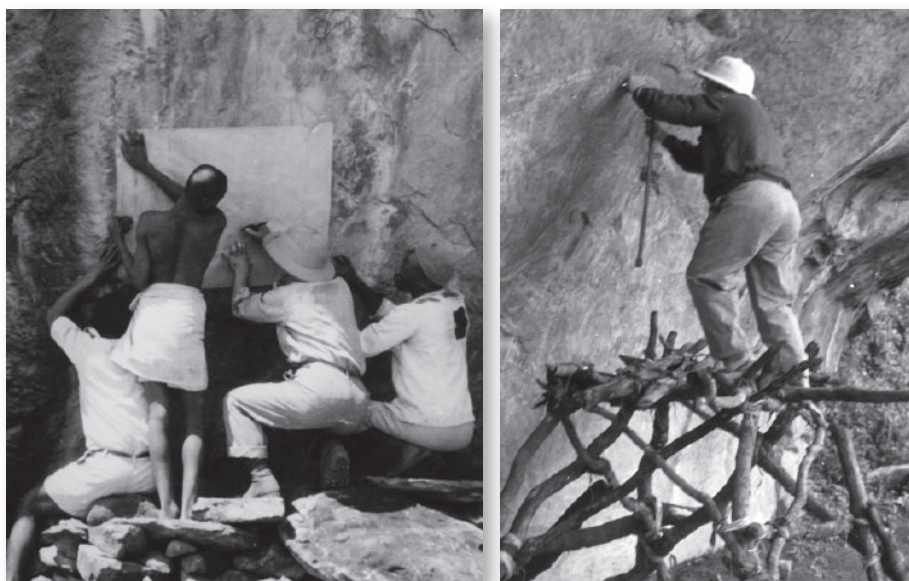
às suas mazelas causadas pelo acidente em Moçambique. Aí aproveita a sua estadia, para trabalhar mais de perto com os seus homólogos Galegos. As visitas à Galiza em agosto, prolongam-se todos os anos, quase até a sua morte. Um outro hábito de Verão era as idas para Mindelo, onde a Ornitologia, os passarinhos eram objeto do seu estudo cuidadoso. As visitas a Carvalhelhos faziam também parte dos seus hábitos de férias, onde estudava os castros romanos. Por assim dizer, em vez de fazer férias, ocupava as férias com trabalho de campo nos variados campos científicos.



Acampamento em Moçambique, 1946.

O mundo de Santos Júnior, gira em torno da investigação e da ciência, e não sente conflitos em exigir que a família o siga. Sempre teve apoio incondicional e dedicação da sua mãe e mais tarde de Judite e em 1944, de uma forma incompreensível para um intelectual, exige que seu filho Norberto o siga numa nova missão a Moçambique. O medo de um novo acidente, e de todas as complicações daí aderentes, faz que o seu grande amigo e compadre Óscar Saturnino, lhe diga “só se lebares o Norberto que já é adulto”. Influenciado ou não por Óscar, o que é certo é que, Santos Júnior não tem escrúpulos em tirar o filho de estudar, e exigir que o siga para África. Tal decisão revela, por um lado, a forte vontade de investigar nas terras africanas, e por outro lado, o hábito que Santos Júnior adquiriu ao longo da vida em envolver a família na

sua vida profissional. Sem premeditar nas consequências a longo prazo de tal decisão, põe o filho Norberto numa situação de conflito: continuar a estudar ou seguir o pai! Educados com certa austeridade e em obediência, um –não– nunca poderia dizer a seu pai. E assim aceita seguir o seu pai para África. Todavia esta decisão permanece insólita com as prioridades da família Santos na formação superior e educação dos filhos. Santos Júnior porém nunca olhou a meios, para atingir o seu fim, a investigação e a ciência. As campanhas da missão antropológica em Moçambique seguiram-se até 1955 e foram assistidas por Norberto que a partir desta data se tornou o seu braço direito. Em 1953 Santos Júnior torna-se professor Catedrático da Universidade do Porto.



Decalcando pinturas. Moçambique, 1946.

Vindo de Moçambique em 1946 Norberto inscreve-se em Antropologia e tem aulas com o Dr. Mendes Correia, Dr. Ataíde e a Dr<sup>a</sup> Leopoldina. Durante os anos que durou a Missão antropológica, Norberto foi o seu adjunto e secretário permanente, não só seguindo para as campanhas em Moçambique, como em Portugal, no instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, organizando e catalogando o material etnográfico, etnológico e arqueológico, recolhido nas várias campanhas, preparando com a ajuda do preparador da Faculdade de medicina, os diversos animais que trouxeram para estudo, e montando entre outros, o esqueleto de um elefante, que foi exposto no Museu de

Zoologia, assim como uma belíssima vitrine com o espólio de um feiticeiro, com os variadíssimos instrumentos chegando ao pormenor de terem recolhido as ervas medicinais e apontarem os seus efeitos curativos. Uma farmácia tradicional africana, talvez única na Europa. O trabalho desenvolvido e realizado por Santos Júnior e Norberto Santos é incomensurável em qualidade e quantidade, o entusiasmo pelo trabalho, um pilar das suas vidas. Foi com grande incompreensão e mágoa, que Santos Júnior em 1956, ao anunciar à junta de investigação colonial/ultramarina, hoje instituto de investigação científica tropical, mais um projeto de estudo, soube pelo diretor vigente na altura, da já decidida extinção das missões, sem lho terem comunicado. Esta decisão inesperada, foi um passo político na mudança da metodologia, adotada pela política na altura. Uma decisão muito lamentada por Santos Júnior, que viu de um momento para o outro, muito do seu material ainda encaixotado, deitado ao esquecimento. Uma decisão “ex abrupto” para utilizar as suas palavras. Os seguintes presidentes da junta colonial /ultramarina nunca mostraram interesse nem motivação, nem tão pouco tinham a mínima ideia, do que é um espólio recolhido ao longo dos anos. Só em 1980 é que este instituto, vem demonstrar novamente interesse no estudo do espólio. Santos Júnior durante a sua vida, nunca esqueceu esta decisão incompreensível, para ele, pioneiro em descobrir coisas pré-históricas, e na lamentável falta de interesse do instituto de Antropologia do Porto em preservar o material já organizado e exposto, deixando ao longo do tempo, deteriorar e desaparecer, que nem mistério, alguns objetos recolhidos, como a farmácia tradicional. Eram objetos e artefatos de grande valor científico, que sem dúvida, hoje, teriam um grande impacto para o desenvolvimento e valorização dos estudos científicos de estudantes e investigadores futuros.

Em 1956 repicam os sinos para Norberto e Lizarda que ficam a viver na Quinta da Caverneira, com Santos Júnior e Judite. Norberto ficou com a repentina extinção das missões, de um dia para o outro, sem trabalho remunerado, todavia permaneceu ao lado de Santos Júnior, acompanhando e organizando os seus trabalhos, e agora mais do que nunca, organizando os trabalhos agrícolas nas quintas, que exigiam grandes e prolongadas ausências da vida no Porto. Uma vida para Norberto e Lizarda doce a agre, com três filhos, mas sem nunca terem conseguido realizar o seu sonho de vida, mas sempre unidos, por uma força emocional e moral muito forte, unindo a família em todas as circunstâncias da vida.

As horas de dor tornam mais profundos os vínculos entre a família, as relações de amizade e o carinho pelos filhos moldam a vida e fazem parte do sucesso de cada um, e em 1963 num trágico desastre de aviação morre o seu

filho mais novo, António Fernando, piloto de aviação em serviço em Angola. Em toda a vida de relação de Santos Júnior e Judite não pode ter deixado de pesar a tragédia pessoal da vida, a morte cruel do irmão e dos dois filhos. Na verdade, a perda dos entes queridos em idades não “naturais”, atinge duramente a família.



Família Santos Junior em Fão (Esposende). Norberto, Maria Judite e Santos Júnior (em cima).  
Mãe Luisa e Judite (em baixo)

A dedicação absoluta à investigação e uma quase alienação do mundo político em que vivia é em Santos Júnior uma constante, prova quando um belo dia vai visitar em Tui o seu antigo Professor Bernardino Machado que estava exilado politicamente. Claro que esta visita não passou despercebida à PIDE. “Uma visita de cortesia ao meu antigo professor”, foi a sua despreocupada resposta.

No início de 1968 vai com Judite para Angola, para a universidade de Luanda onde rege as cadeiras de Zoologia e Antropologia e permanece lá até 1972, um ano depois de se jubilar, em trabalhos de investigação científica no campo da Antropologia Angolana. Uma nova vida, numa sociedade desconhecida, num clima diferente, e não muito saudável é enfrentada por Judite numa mistura de ânimo e tristeza por ter de deixar “os seus ricos 8 netinhos”, entretanto nascidos. Todavia com grande sacrifício físico, seguia Santos Júnior para tudo quanto era mato. No mato, ficava por vezes no jipe, à espera dos in-

vestigadores, observava os animais que passavam, sem medo, recolhia peças líticas que encontrava por acaso, recolhia animais estranhos para a Zoologia, tinha sempre um sorriso e uma palavra de consolo para os acompanhantes de Santos Júnior. A vasta e variada produção científica era lida atentamente por Judite, que com um lápis apontava as gralhas nas bordas da página. De regresso a Portugal, já jubilado aceita o cargo de continuar como investigador na Universidade de Luanda, desta vez de 6 em 6 meses, passando lá o inverno de Portugal. Tal acordo nunca veio a ser realizado devido à revolução de 1975.

Mais uma vez, em 1977, a vida da família Santos Júnior, a vida de Norberto, é abalada sem piedade, pela morte prematura de Lizarda. Um vazio incalculável no carinho familiar, que o desenrolar da existência, a confiança no seu próprio destino, com o passar do tempo, não consegue apagar, mas torna-o inteligível.

Em 1981 morre Judite a sua adorada e dedicada mulher, a trave mestra da família Santos Júnior. A perda da sua companheira de 61 anos de vida conjunta é, para Santos Júnior e família um momento muito, muitíssimo doloroso. Um ter de ser na natureza da vida, no sentido da vida, mas que à lembrança deixa a recordação maravilhosa de uma pessoa muito estimada e querida, uma recordação nobre para ser contada às futuras gerações da família.

Nos anos seguintes e até 1990, ano em que morreu, dedica-se de alma e coração, aos estudos de arqueologia em várias regiões de Trás-os-Montes, em escavações de castros romanos, e em publicação dos seus estudos. Toda esta azáfama científica é acompanhada por Norberto. A dedicação, o seu saber adquirido, a sua competência em organização, tornaram-se ao longo dos anos, imprescindível para Santos Júnior, e ainda hoje dura, no esforço, na prestabilidade e prontidão em revelar o seu saber e o conhecimento em prol do saber esquecido sobre os trabalhos de investigação de Santos Júnior.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Ana Maria, filha de Norberto Santos, autora de esta sucinta biografia do avô, pediu que “Estes pilares biográficos de Santos Júnior foram autorizados pela família, exclusivamente para a presente publicação: *Santos Júnior e os intelectuais Galegos*”

## 2.- A SUA FORMAÇÃO

Depois destas maravilhosas páginas, estilo romance, que vimos de ler acerca da vida da família de Santos Júnior, vamos tentar ampliar um bocado mais dados do protagonista, mesmo que alguns já fiquem em parte relatados por Ana Maria. Estes dados foram tirados do Curriculum Vitae de Joaquim Rodrigues do Santos Júnior. Foi este uma personagem de vastos conhecimentos em todos os campos, como pode comprovar qualquer pessoa que tenha a paciência de ler as 50 páginas do seu Curriculum Vitae, que abrange de 1924 a 1986. Foi um grande humanista.

O primeiro que nos impacta é a sua longa preparação. Em 1918 termina o seu curso liceal. Em 1918-19 frequentou, durante o 1º semestre o 1º ano do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, que suspendeu por uma grave doença. Em 1919-20 inicia na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, o curso de Ciências Histórico-Naturais, que termina com a licenciatura em 1923. Em 1922-23 frequenta as aulas da cadeira de Grego. Em 1923-24 inscreveu-se nas cadeiras de Etnologia e de Estética e História da Arte. Em 1926 frequentou o curso de especialização de Química Coloidal na Faculdade de Medicina do Porto. De 1926 a 1932 frequentou a Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, licenciando-se em Medicina e Cirurgia. Em 1944 doutorou-se em Ciências Histórico-Naturais na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Em 1953 é Prof. Catedrático do grupo de Zoologia e Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Como médico exerceu durante pouco tempo (1932-1936). Dedicou-se totalmente ao ensino e à investigação. Foi nomeado assistente da cadeira de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto em julho de 1923. Professor do Liceu Central de Alexandre Herculano no ano escolar de 1924-25; do Liceu Central de Rodrigues Freitas no ano escolar 1925-26; contratado como assistente de Zoologia e Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto em 1928 ministrando as mais diversas matérias que lhe foram encarregadas. Concurrou para Professor Catedrático em 1953 no grupo de Zoologia e Antropologia da Universidade do Porto.

Desempenhou muitos cargos. Adjunto à Secretaria Geral do Congresso no Porto em 1920 para o Avanço das Ciências. No verão de 1925 dirigiu, de colaboração com Alfredo Mendonça da Costa Ataíde, a Estação de Zoologia Marítima da Foz do Douro. Foi nomeado preparador-conservador do Museu Antropológico da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto em novembro de 1926. Membro da Comissão Organizadora do Congresso Internacional de Antropolo-

gia em 1930, realizado no Porto e em Coimbra. Membro do Conselho-Diretor e Tesoureiro da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (1930). Membro da Comissão Executiva do “1º Congresso Nacional de Antropologia Colonial”, Porto 1934. Delegado da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto ao Congresso Internacional de Anatomia, Lisboa 1934. Secretário Geral da Comissão Organizadora da Semana Galega, realizada no Porto, de 31 de março a 6 de abril de 1935. Delegado a Santiago de Compostela da mesma Comissão, para troca de impressões com as entidades dirigentes do Seminário de Estudos Galegos. Ele foi o encarregado de lhes dar umas magníficas boas-vindas em Viana do Castelo aos intelectuais da Galiza, que iam para Porto celebrar na Universidade a Semana Cultural com brilhantes conferências. Participou, a convite do Seminário de Estudos Galegos, na missão científica que o mesmo realizou em Lalim, em junho de 1935, trabalhando na seção de Arqueologia com Florentino López Cuevillas e outros, tomando parte com Vicente Risco e Joaquim Lourenço na excursão de estudos etnográficos à aldeia lalinense de Zobra.

Foi delegado da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia ao Congresso de Santiago de Compostela, realizado em 1935 pelas Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências. Do comité executivo do Congresso Internacional de Zoologia, em Lisboa, setembro de 1935. Delegado da Colónia de Angola ao mesmo Congresso. Membro do “Comité Internacional” para a Organização dos Congressos Internacionais de Ciências de Pré-História e Proto-História (1935). Secretário Nacional da Delegação Portuguesa ao Conselho Permanente dos Congressos Internacionais das Ciências Antropológicas e Etnológicas (1935). Membro da Comissão Provincial de Etnografia e História, da Junta da Província do Douro-Litoral (1935). Chefe da Missão Antropológica de Moçambique, na qual se realizaram seis campanhas. A 1ª, de julho a dezembro de 1936, visita de estudo aos Museus e centros universitários da África do Sul e trabalhos de campo (Antropologia, Arqueologia e Etnografia) em Moçambique. A 2ª de agosto de 1937 a janeiro de 1938. A 3ª de agosto a dezembro de 1945. A 4ª de maio a outubro de 1946. A 5ª de maio a outubro de 1948. A 6ª de 13 de agosto de 1955 a 7 de fevereiro de 1956, nas quais realizaram trabalhos de Antropologia Física, Somatologia, Arqueologia, Etnografia e Psicotecnia.

Enviado pelo Ministério das Colónias, em 1938, a visitar vários Museus Coloniais e europeus em Paris, Bruxelas, Amesterdão, Berlim, Munique (outubro, novembro e dezembro de 1938). Secretário Geral do 1º Congresso do Mundo Português (Pré-História e Proto-História), Porto 1940. Vice-Presidente da Seção de Ciências Naturais do Congresso de Saragoça, 1940. Secretá-



Maio de 1945. Medicina.

rio Geral do 2º Congresso Nacional de Ciências Naturais, Porto, 1948. Vogal para Portugal e Colónias do Comité Internacional para o estudo da Arte Rupestre (Conseil Permanent des Congrès Internationaux de Pre et Proto-Histoire, Nampur, abril de 1952. Chefe da Delegação Portuguesa ao II Congresso Pan-Africano de Pré-História de Argel (setembro-outubro de 1952)...

Foi membro de muitas sociedades científicas.

Da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia do Porto. Da Sociedade Anatômica Portuguesa. Da Sociedade Anatômica Luso-Hispano-Americana de Lisboa. Da Associação dos Arqueólogos Por-

tugueses, Lisboa. Da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães. Do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, Lisboa. Da Sociedade Broteriana, Coimbra. Da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, Lisboa. Da Sociedade Portuguesa de Estudos Eugénicos, Coimbra. Do Seminário de Estudos Galegos, Compostela. "Membre Titulaire" do "Institut International d'Antropologie", Paris. "Membre Titulaire" da "Société d'Etnographie de Paris". "Correspondant d'honneur" do "Bureau Bibliographique" do U.C.B., Turim. Da Real Academia Galega (correspondente). Da Sociedade Brasileira de Folk-Lore (sócio titular), Natal. Do Club Internacional de Folk-Lore (sócio efectivo) Brasil. "Member" do "International African Institute, Londres. Honorary Fellow da Sociedade Científica americana *The Epigraphic Society*, de S. Diego, Califórnia...

Foram muitas as conferências de interesse científico proferidas por Rodrigues Santos em território nacional e no estrangeiro. Também foram muitos os Congressos aos que assistiu e participou, dentro e fora de Portugal: congressos de Antropologia, Anatomia, Antropologia, Zoologia, Pré-História e Proto-História. Ciências da População, Ciências Naturais, Medicina Tropical, Pesca, Arqueologia, Etnografia...

### 3.- BIBLIOGRAFIA

Dos 353 trabalhos que aparecem no Curriculum Vitae de Santos Júnior, a imensa maioria artigos em revistas especializadas, vou anotar aqueles de maior extensão e que acho de interesse para o presente trabalho:

- 1.- *Estudo antropológico e etnográfico da População de S. Pedro (Magadouro)*. in fasc. II do vol. II dos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Porto, 1924, págs. 85-186, 17 figs e 5 gravuras.
- 2.- *Notas de Medicina Popular Trasmontana*, edição do Inst. de Antrop. da Universidade do Porto. Porto, 1929, I vol. de 75 págs.
- 3.- *Pinturas megalíticas no Concelho de Carrazeda de Ansiães*, edição do Inst. de Antrop. da Universidade do Porto. Porto, 1930, I vol. de 38 págs. 7 figs. e 4 Ests.
- 4.- *Olarias de Muge*. Sep. do fasc. III do vol. V dos *Trabalhos da S.P.A.E.* Porto, 1932, 55 págs. e 3 Ests.
- 5.- *Portugal e a Galiza irmã*. Revista Apolínea. Ano I, nº 5. Porto, 1933.
- 6.- *As telhas do teu telhado (nota etnográfica)*. Sep. do tomo VI dos *Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*. Santiago de Compostela, 1933, 20 págs.
- 7.- *As pinturas Pré-Históricas do Cachão da Rapa*. Sep. do fasc. III do vol. VI dos *Trabalhos da S.P.A.E.* Porto, 1933, 42 págs. 2 figs., 9 Ests. e 1 Est. dobrada.
- 8.- *Nota de coreografia popular trasmontana CICA dança dos Pretos (Moncorvo)*. Sep. do fasc. I do vol. VII dos *Trabalhos da S.P.A.E.* Porto 1935, 46 págs. e 8 figs.
- 9.- *Relatório da Missão Antropológica à África do Sul e a Moçambique (1ª campanha)* in *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Fasc. 3º, vol. VIII. Porto, 1938, 52 págs. e LIX est. com 82 figs.
- 10.- *Lenga-lengas e jogos intantis* in *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Porto, 1938, 47 págs.
- 11.- *Missão antropológica de Moçambique (2ª campanha)*, Ministério das Colónias, Lisboa, 1940, 91 págs., XCV Est. com 98 figs.
- 12.- *Arte rupestre*. Tese apresentada ao I Congresso do Mundo Português, Pré-História e Proto-História, Congresso do Mundo Português, vol. I. Lisboa, 1940, págs. 327 a 376, 26 figs.
- 13.- *Pré-História de Moçambique*, Lisboa, 1940, págs. 307 a 356, 25 figs.
- 14.- *Contribuição para o estudo da Antropologia de Moçambique Nhúngüès e Antumbas*. Dissertação para Doutoramento na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Porto, 1944, 285 págs., figs. e IV Tab.
- 15.- *Contribuição para o estudo da Antropologia de Moçambique – Algumas tribos do Distrito de Tete*. Porto, 1944, 416 págs. 204 figs. e XII Tab.
- 16.- *Demografia da cegonha branca em Portugal* in *Anais da Faculdade de Ciências da Univ. do Porto*, Tomo XLIV, Porto, 1961, 55 págs. e 43 figs.

- 17.-*Malha do centeio em Lavradas (Barroso), in Trabalhos de Antrop. e Etnologia, revista da S.P.A.E., fasc. I, vol. XIX, Porto, 1962, págs. 47-68, 4 desenhos e XII Est. com 24 fotografuras.*
- 18.-*Os “Cantares” de Rosalia de Castro e o Povo Galego em alguns aspectos da sua Etnografia de há cem anos in Trabalhos de Antropologia e Etnologia, págs. 333-361.*
- 19.-*Berrões do Nordeste de Portugal, Ministério da Educação, Porto, 1975, 167 págs., 131 figs.*
- 20.-*A cultura dos cereais no Leste trasmontano in Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Porto, 1977, págs. 41-159 e 103 figs.*

#### 4.- SANTOS JÚNIOR E A GALIZA

Foi Galiza para Santos Júnior como a amada predileta. Desde o momento em que tomou contato com os galegos e visitou a sua terra, converteu-se num obcecado por ela. Ele, como Teixeira de Pascoais ou Eugénio de Castro, reserva para Galiza os melhores adjetivos.

a) Teixeira de Pascoais, o poeta do Marão, dedicou vários poemas à Galiza e Rosalia de Castro. No poema À GALIZA diz:

“Galiza, terra irmã de Portugal  
Que o mesmo Oceano abraça longamente

...

Altar de Rosalia e de Pondal”

E no mesmo poema renovado:

“Ó santa Rosalia da Saudade”...

E ainda:

“Galiza, terra irmã de Portugal,  
Que a divina Saudade transfigura”...

E ainda mais:

“Divina Rosalia. Ó santa protetora  
Da terra da Galiza, a nossa terra mãe!”

b) Eugénio de Castro em *De Coimbra à Corunha* (30-XI-1924) fez também um maravilhoso canto à Galiza, à sua paisagem, aos galegos e à fala galega<sup>2</sup>.

Santos Júnior não ficou atrás. Vamos ir espigando, através das suas cartas às quais tivemos acesso. Ficaram muitas sem poder consultar ou porque fo-

---

<sup>2</sup> Cf. *Eugénio de Castro e a Galiza. Epistolário*. Eloísa Álvarez e Isaac Alonso Estraviz, ed. do Castro, Corunha, 2008, pp. 149-156.

ram destruídas ou porque algumas pessoas aduziram problemas de diversa índole. O número que lhe assino às cartas é o que tem no espistolário da personagem à qual foi dirigida.

“... da encantadora Galiza, terra sagrada da excelsa Rosalia e de tantos e tão ilustres galegos Otero, Risco, Cuevillas e Bouza Brey” (c. 147 a Jocas).

“Vou matar saudades da verdecente e encantadora Galiza” (c.159 a Jocas).

“Depois de amanhã, se Deus quizer, sigo para essa encantadora e sempre amada Galiza” (c. 29 a Taboada Chivite)

“... à Galiza tua Pátria, e à minha Pátria que é irmã da tua” (c. 17 a F.Valverde).

“Ha já um par de dias que vim dessas encantadoras terras e ainda conservo o estonteamento dessa maravilhosa Galiza irmã que, de cada vez que a visitamos, tem a virtude singular de se desdobrar em encantos novos” (c. 21 a F.Valverde).

“... quando tive o prazer de andar por essa encantadora Galiza” (c. 37 a F. Valverde).

“Esta vossa Galiza é um encantamento. Quanto mais a conheço mais gosto dela” (c. 56 a F. Valverde)

“...pelos encantos dessa Galiza, rincão do noroeste da Península onde vive gente que, pela cultura e pelo sentimento, tanto se nos assemelha” (c. 66 a F.Valverde).

“... alguém a levará numa ida a essa encantadora Galiza” (c. 123, F. Valverde).

“... conto levar em Julho a essa ridente e adorada Galiza” (c.148 a F. Valverde).

“... alude aos vinhos dessa encantadora Galiza” (c. 149 a F. Valverde).

“Já tenho saudades dessas terras encantadoras da encantadora Galiza que os meus olhos tanto gostam de ver e a minha alma de deleitar” (c. 168 a F. Valverde)

“... dessa terra de maravilha e de encantamento” (c. 175 a F. Valverde).

“... da mimosa Galiza” (c. 183 a F. Valverde).

“... que é um fervoroso apaixonado pelos mitos e cativantes encantos da adorada Galiza” (c. 196 a F. Valverde).

“... falando da tua encantadora Pátria essa adorada Galiza que tanto me enfeitiçou. Quanto mais a conheço melhor a quero” (c. 14 a F.Bouza Brey).

“Tenho muitas saudades dessa adorada Galiza” (c. 2 a Antonio Fraguas)

“Na verdade essa adorada Galiza tem coisas bem extraordinárias” (c. 34 a A.Fraguas)

“... dessa encantadora Galiza, a que o meu coração muito quer, e não menos apaixonado do povo galego tão irmão do povo minhoto” (c. 42 a A.Fraguas)

“Regalei-me de lêr no teu discurso a doce lingua galega, ‘a mais nídia e enxebre espresion’ dessa encantadora e ridente Galiza a quem, sem saber bem porquê, o meu coração tanto quer” (c. S.Martinez Risco).

“Há muitos anos sou sim da mimosa terra da Galiza, um enternecido admirador dos seus poetas com a Santa Rosalia na dianteira” (c. a F. Senén)

E como resumo de tudo isto o discurso de boas-vindas que deu aos galegos em Viana do Castelo aquando da Semana Galega no Porto:

“Porto, 27 de Maio de 1935

“Meus Amigos:

Não encontro melhor saudação para vos dirigir do que aquela que expresa a palavra amigo.

É com grande alegria que vos saúdo, meus amigos, amigos nossos da Galiza irmã.

Quis o acaso que seja eu o primeiro a dirigir-vos cumprimentos de boas-vindas, nesta vossa romagem fraternal ao Porto e às terras do Norte de Portugal.

Faço-o com grande satisfação e o maior contentamento, embora outro qualquer o pudera fazer melhor do que eu.

E é grande a nossa alegria encontrando-nos hoje aqui, nesta linda terra minhota de Viana do Castelo, com seu monte de maravilha e encantamento.

E como não hade ser assim, se vós, estando no Minho, vos julgais ainda na vossa encantadora e ridente Galiza, e nós, quando entramos na vossa Pátria, nos julgamos ainda em pleno Minho.

Os milagres da côr e da paisagem do Minho e da Galiza, são os mesmos milagres da luz e da selva.

Os pinheiros tristes e rumorosos ungem estranhos delírios dos nossos olhos embriagados pela contemplação dos campos e das serras.

Os nossos olhos, como gaivotas brancas, voam sôbre o mesmo mar que em dias de calma se torna mais íntimo e parece ciciar à terra segredos que ninguém pode entender, mar que, quando o vento sopra rijo, esbraveja como cão medonho e alucinado, e morde enfurecido a terra e os rochedos e cobre as praias com um branco lençol de baba espumante, que é raiva desfeita.

O norte de Portugal e a Galiza são bem irmãos e devem ser cada vez mais amigos.

Fazendo votos, os mais ardentes votos, pelo estreitamento da nossa amizade, eu grito do fundo d'alma: VIVA A GALIZA.

Santos Jr."

## 5.- ROSALIA DE CASTRO

Rosalia de Castro foi a personagem mais estimada, mais querida e mais estudada por ele. Tinha as obras completas em diferentes edições: três de *Cantares Galegos* (alguma sublinhada e com escritos interlineares ou na parte de fora. Era seu livro de mesinha de cabeceira), *Folhas Novas* e a obra completa de Aguilar. Sentia uma admiração enorme por ela. Acho que foi a pessoa que mais vezes lhe chamou de santa: santa rosalia, a santinha... Também foi ele o que a estudou com mais carinho e estimação, com tal respeito que mesmo pedia perdão quando mudava alguma vírgula dos seus escritos. O trabalho que fez sobre *Os 'Cantares' de Rosalia de Castro e o Povo Galego em alguns aspectos da sua Etnografia de há cem anos* onde se trata o traje regional galego, trabalho de umas quarenta páginas e que foi muito bem acolhido e louvado pelos galegos. Mesmo chegou a fazer outro sobre o vinho nos Cantares de Rosalia baseado em dous poemas que aparecem no mesmo.

Também aqui vamos proceder a espigar alguns textos através das suas cartas. Pena é que não conseguisse mais originais, pois a colheita seria maior.

"Sabes bem que eu sou um apaixonado devoto da vossa Santinha a Santa Rosalia. Quanto à Santa Rosalia sei que perdoa pelo muito que admiro e venero a sua unção poética" (c. 119 a Jocas).

"... e eu parecia-me que a inauguração da estátua da vossa divina Rosalia será uma boa oportunidade" (c. 24 a F. Valverde).

"... da nossa Santinha Rosalia, que Deus bafejou com a sua Divina Graça e que fez dela a Rainha dos poetas galegos" (c. 120 a F. Valverde).

"... filho da Santa Rosalia" (c. 141 a F. Valverde).

"Como sabes sou um apaixonado da Rosalia" (c. 148 a F. Valverde).

"Que a Santa Rosalia me perdoe o atrevimento" (c. 148 a F. Valverde).

"A minha charla é sobre quatro poemetos da Santa Rosalia" (c. 182 a F. Valverde).

"Estou que do céu a Santa Rosalia, com a sua dupla santidade, santinha pelo povo galego e Santa pelo Milagre do ressurgimento da doce lingua galega" (c. 191 a F. Valverde).

“... pela fascinadora Rosalia, consagrada madrinha da Galiza” (c. 5 a Garcia Sabell).

## 6.- OTERO PEDRAIO

Através do Epistolário ver-se-á como estimava a todo intelectual galego com quem se relacionava. Agora vamos ver como estimava a Otero Pedraio na resposta a Severino Cardeñoso Alvarez que lhe pedia umas páginas para um livro sobre Otero Pedraio:

“Recebida a sua carta de 29 de Janeiro e o seu livro, cuja oferta muito agradeço. Pelo mesmo correio lhe envio alguns folhetos meus.

Na su carta recorda o nosso encontro na Casa de Saúde da Rosaleda, quando, com o meu querido amigo Modesto Rodrigues Figueiredo fomos visitar e abraçar o nosso comum amigo Otero Pedrayo.

Tive muitos encontros com Otero. Ouvi-lhe muitos discursos e conferencias, sempre ouvidas com o maior interesse.

Há uma que lhe ouvi em Ribadavia em que ele falou com exuberância, como sempre, e com profundo sentimento, no que se passa nos caminhos da sua aldeia. Essa conferência deixou-me funda e grata impressão.

De outra vez foi em Santiago, num jantar em que os amigos do Seminário de Estudos Galegos quiseram homenagear-me por, em Madrid, onde fora fazer conferências à Universidade Central, nun almoço presidido pelo Ministro da Educação Ibañez Martin, eu ter afirmado categoricamente que muitos dos amigos e companheiros do Seminário de Estudos Galegos, a que me orgulhava de pertencer, eram profundamente e essencialmente galeguistas e nada separatistas...

Eu sabia que o grupo do Seminário de Estudos Galegos tinha a paixão e o culto da terra galega, mimosa, cheia de frescor e encantamento, e sentiam e adoravam o encanto da língua galega, suavíssima, musical e tão cheia de melodia, como só a tem a língua portuguesa, aliás estreitamente irmanadas.

Terminei por afirmar ao Ministro Ibañez Martin que o ter sido encerrado o Seminário de Estudos Galegos o fora sem justa razão.

Passado pouco tempo o Seminário ressuscitou com o nome de Seminário de Estudos Galegos Padre Sarmiento.

Diz-se que foi a minha conversa com o Ministro que determinou, ou acelerou a ressurreição do Seminário.

Seria?

O que é certo é que, os meus amigos galegos, convencidos de tal, me homenagearam na cave do Hotel Compostela com um almoço a que assistiram muitos companheiros do velho Seminário.

E agora vai a referencia ao discurso que de *outra vez* ouvi ao Otero Pedrayo e me foi dirigido. Otero, quando me brindou, pediu para falar de pé.

Falou, como sempre, exuberantemente e disse de mim tantas e tais coisas que as mais delas foram ditadas pela magnanimidade do seu alto espírito e nimbadas pela velha e mutua amizade que há muito nos unia...

Mas onde ele foi fulgurante e arrebatador foi quando se referiu a alguns grandes valores da cultura portuguesa e à semelhança, para não dizer identidade de sentimentos de portugueses e espanhóis, que fazem das duas terras dum lado e do outro do rio Minho terras bem irmãs.

Tive que responder, colhido de surpresa. Só sei que ao levantar-me pedi para falar de joelhos, e ajoelhado na cadeira, falei alguns minutos. Não sei o que disse. Saberia dizê-lo se as ideias que surgiram tivessem vindo pensadas da cabeça. Sinceramente digo que não sei o que disse. Nem mesmo passadas algumas horas fui capaz de alinhar o discurso feito. Razão simples. É que deixei falar o coração, e este sublime órgão da vida, que possui muitas e notáveis qualidades e atributos, não tem memória.

Tudo isto para terminar por dizer que lamento não ter podido enviar “trabajos e anécdotas” relacionadas com a obra de Otero, o galego “enxebre, o catedrático fluente e sabedor, o periodista brilhante, o poeta de requintada sensibilidade como é prova o seu belo soneto “Na coba de Rosalia”

Santos Junior

## 7.- VIAJANTE INCANSÁVEL

Em Portugal investigou por todo o território, de Norte a Sul e de Este a Oeste. Mas o território mais estudado por ele foram as terras transmontanas, especialmente Panoias, Carvalhelhos e Curalha. Na Galiza esteve em S. Cibraão das Lás e na Lançada colaborando com Cuevillas, Joaquim Lourenço e Filgueira Valverde, por terras de Lalim com gente do Seminário de Estudos Galegos. Foi o português que mais e melhor percorreu Galiza. É raro encontrar cidade ou vila importante onde não tenha estado, como também era raro que houvesse um verão que não viesse com D. Judite ao Balneário de Caldas de Reis onde iam ter com ele muitos intelectuais galegos e donde ele se deslocava aos lugares mais afastados para um maior conhecimento.

Entre os lugares dos que temos constância da sua estadia são: Ourense, Carvalhinho, Cea, Usseira, Riba d'Ávia, Verim, Ponte Vedra, Tui, A Guarda, Vigo, Caldas de Reis, Santiago de Compostela, Corunha, Padrão, Lugo, Bande, Lobeira, Lalim, Trasalva, Paço de Oca, S. Simão, Ilha de Arousa, Noia, Ribeira, Vila Garcia... Em Ourense esteve várias vezes. A última de dous dias foi em 14 e 15 de novembro de 1986 aquando do centenário de Florentino Cuevillas e hospedou-se no Hotel San Martín (c. 47 a A. Fraguas).



Transporte de Machila em Missao Antropológica. 1948.



Africa do sul (pai e mãe).



Chaves (termas), outubro 1978.



Viana do Castelo - Santa Luzia.



Foto na Biblioteca de Moncorvo com o Presidente da Câmara de Torre de Moncorvo doutor Fernando António Aires Ferreira.



Paz, Norberto e Estraviz.



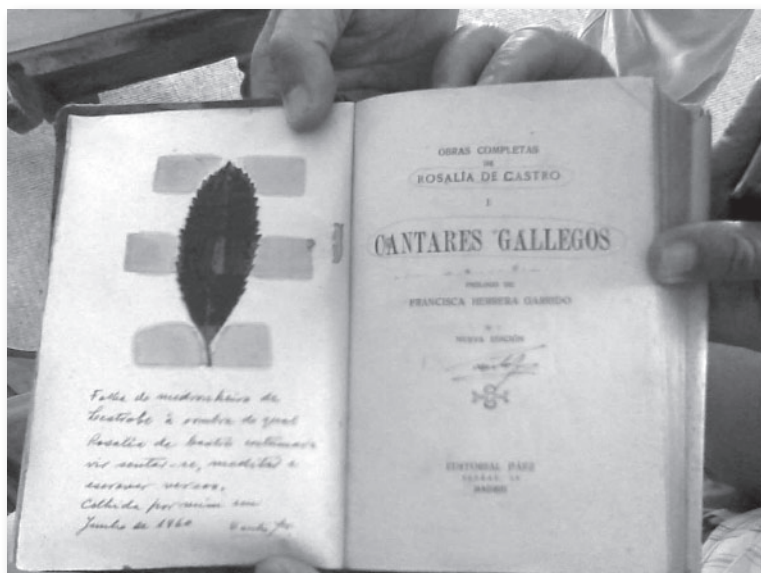
Banhos, Manuela, Norberto, Estraviz.



Na sobremesa.



Norberto e Elvira diante da casa do casal Santos Júnior em Torre de Moncorvo (ele anda nos 90 acho e ela perto, mas fantásticamente os dois).



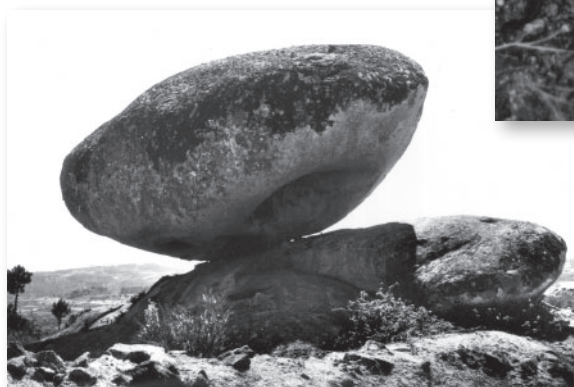
Livro Cantares Gallegos de cabeceira de Santos Júnior.



Tchitundunhulo



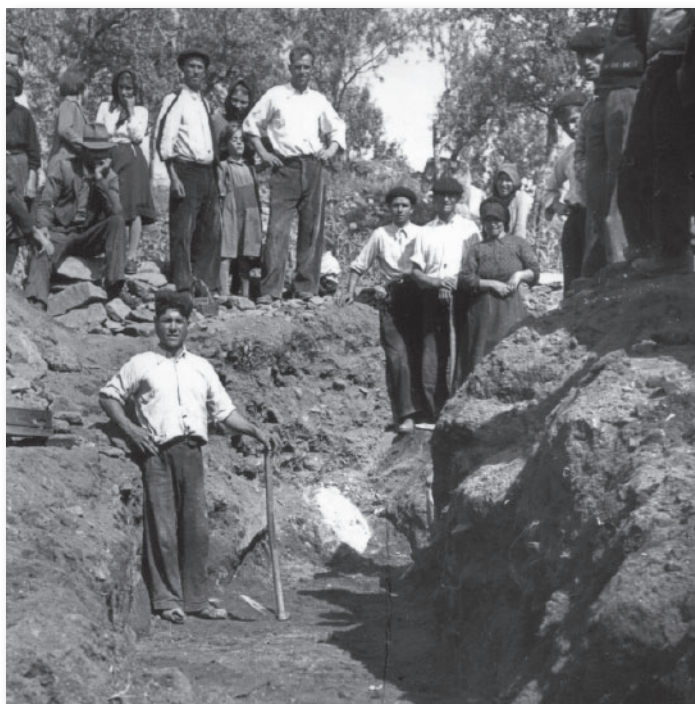
Ovos de Noitibó, agosto de 1964.



Pedra de abalar



Mindelo, 1958.



Escavações.



Santos Junior com Florentino Lopez Cuevilhas en Ourense.